



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

THANARA DA SILVA AMÉRICO

POLÍTICA DE MORTE E AGONIA TECIDAS NA NARRAÇÃO D'OS CUS DE
JUDAS, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

PATU - RN
2021

THANARA DA SILVA AMÉRICO

POLÍTICA DE MORTE E AGONIA TECIDAS NA NARRAÇÃO D'OS CUS DE JUDAS,
DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo

PATU - RN
2021

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A512p Américo, Thanara da Silva
POLÍTICA DE MORTE E AGONIA TECIDAS NA
NARRAÇÃO D'OS CUS DE JUDAS, DE ANTÓNIO LOBO
ANTUNES. / Thanara da Silva Américo. - Patu, Rio
Grande do Norte, 2021.

38p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Política de Morte. 2. Narrador Autodiegético. 3.
Guerra Colonial Portuguesa. 4. Literatura Anticolonial. 5.
António Lobo Antunes. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais.
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus, por ter permitido esse momento acontecer e por ter sido a minha melhor companhia nessa trajetória, fortalecendo e guiando meus passos nesse caminho de longas batalhas e vitórias. Sou imensamente grata pelo cuidado e amor de Deus na minha vida, pois a segurança proporcionada por Ele sempre revigorou as minhas energias e deu ânimo para seguir diante de todas as adversidades encontradas na minha estrada.

Agradeço à UERN, por ter sido o meu segundo lar, instituição formada por grandes profissionais e colaboradores que atuaram com muita dedicação e carinho na minha formação e, direta ou indiretamente, participaram da minha história. No *Campus* Avançado de Patu, sonhei e lapidei um dos meus maiores sonhos: a minha formação acadêmica.

Aos mestres, todo o meu sentimento de respeito e admiração, vocês foram fundamentais no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, muito obrigada! Agradeço, ainda, por despertarem o melhor de mim, por acreditarem na educação e ensinarem que esse ainda é o mais poderoso meio de transformar realidades. Guardarei de forma especial a maneira de cada um de vocês conduzirem as aulas, os momentos de alegria e de descontração, assim como as situações que exigiam de nós seriedade e compromisso.

Ao PIBIC e à Residência Pedagógica, programas que confirmaram as minhas perspectivas enquanto professora em construção. A pesquisa foi meu primeiro encontro com o universo da literatura, caminho lindo de descobertas e de repensar a vida e as coisas à sua volta; obrigada, aos meus amigos do grupo de pesquisa, por todos os encontros, pela leveza e carinho entre os nossos momentos das quintas, nos quais todos os nossos problemas perdiam espaço para a nossa troca de saberes e alegrias. Participar do Residência foi singular, especialmente para somar as experiências em sala de aula, de modo que estar em contato com os alunos, planejar e executar aulas foi uma experiência especial para minha formação. Obrigada, Sueli e Robervânia, por serem inspirações.

Annie, dedico a você todo o meu enriquecimento enquanto aluna, pesquisadora e também como pessoa nesse caminhar do aprendizado. Quando penso no percurso da graduação, encontro você nas minhas melhores escolhas e caminhos trilhados, pois sempre apresentou as melhores oportunidades de crescimento no *Campus*. Saiba que você é inspiração para mim, vejo no seu agir uma profissional encantada pelo saber, que ama e faz a Literatura ser mais bonita e instigadora. Sempre que recordar a minha formação, sobretudo os momentos mais especiais, você

sempre será lembrada de forma carinhosa. Obrigada por ser professora, orientadora e amiga; tenho um enorme carinho por você, nunca esquecerei o quão foi essencial para a minha formação.

Além de agradecer, quero dedicar esse mérito a vocês, meus avós, pois tudo o que sou adveio dos vossos ensinamentos. Vocês, que sempre me conduziram no melhor caminho, mesmo diante das dificuldades, foram minha motivação e depositaram tanta confiança nos meus estudos que hoje realizo não só o meu sonho, mas o de vocês: viverem a minha formação, segurando o tão desejado diploma, com orgulho, sorriso e felicidade estampados em suas faces. Severino e Cidinha, obrigada pelo amor e dedicação em tudo na minha vida, eu amo vocês desmedidamente.

Lívia, de forma muito especial, agradeço pelo nosso encontro nessa vida, você chegou pra somar comigo, sempre impulsionando e motivando-me a encarar todos os obstáculos do caminho. Obrigada por ter permanecido a todo instante nos momentos de angústia, de medo e de crises de ansiedade. Agradeço, ainda, por ter vibrado comigo as minhas conquistas e realizações; o seu amor e cuidado comigo sempre salvou os dias difíceis, sou grata por tudo que fez e faz por mim.

Agradeço de forma carinhosa a todos os meus amigos da graduação. Ingrid, agradeço imensamente pela amizade e companheirismo nesse trajeto, em especial pelos momentos difíceis da escrita, nos quais virávamos a noite e passávamos o dia compartilhando as nossas angústias e alegrias. Juninho, obrigada por ser sempre presente, acreditar no meu potencial e por, incansavelmente, ter ajudado e enriquecido minha formação com os seus conhecimentos. Aos demais, sou grata pelas disposições e gentilezas com as atividades e eventos acadêmicos.

Lailsa e Vanessa, obrigada por terem aceitado o nosso convite para compor a banca examinadora. Saibam que é um privilégio receber as contribuições de vocês ao meu Trabalho de Conclusão de Curso; será importante ampliar, ainda mais, os estudos de literatura contemporânea.

“Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia”.

João Guimarães Rosa em Grande Sertão:
Veredas.

RESUMO

Na contemporaneidade, encontramos resquícios do processo de colonização, pois as cicatrizes coloniais ainda estão visíveis em múltiplas situações cotidianas. Pensando nessa problemática, abordamos a interface literatura e política de morte em *Os Cus de Judas* (2007), do escritor português António Lobo Antunes. Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem por finalidade responder como no respectivo romance é configurado o projeto imperial da pátria portuguesa, uma vez que o narrador-protagonista utiliza sua voz para denunciar a agonia e as atrocidades da guerra colonial em Angola, a partir de episódios que marcam a narrativa de A a Z. Isso porque cada letra configura um passo do trajeto da tropa portuguesa, mostrando a necessidade de rever as feridas coloniais e repensar o valor da vida. Isto posto, esta pesquisa propõe, especificadamente: i) analisar como se dá a construção da política de morte, de modo a identificar os principais artifícios presentes na voz do narrador de *Os cus de Judas*, pensando a ironia e a articulação da linguagem; ii) mostrar que há uma crítica profícua ao sistema colonial europeu; e, por fim, iii) desenvolver um estudo anticolonial sobre respectiva narração. Nesse sentido, à luz dos teóricos, David Birmingham (2015) e Gerson Roani (2004), discutimos sobre o pano de fundo do cenário histórico e político do romance; com Franco Junior (2009), Theodor W. Adorno (2003) e Terry Eagleton (2018), sobre a posição do narrador; em seguida, com Achille Mbembe (2018) e Michel Foucault (1999), argumentamos sobre a política de morte tecida na narração; e, com Frantz Fanon (2012), Roberto Vecchi (2010), Eduardo Lourenço (1992) e Aimé Césaire (1978), apresentamos as contribuições dos estudos anticoloniais tendo em vista a perspectiva do narrador autodiegético da obra. Dessa maneira, a experiência do narrador-protagonista, a catástrofe em África e o descarte das vidas dos angolanos, como também dos portugueses que foram enviados à guerra, ocorreram em nome de um projeto nacional de dominação e progresso e, em termos formais, na própria construção da narrativa, através da fragmentação exposta na narração para dar conta da experiência limite que foi a guerra colonial portuguesa em Angola.

Palavras-chave: Política de Morte; Narrador Autodiegético; Guerra Colonial Portuguesa; Literatura Anticolonial; António Lobo Antunes.

ABSTRACT

In contemporary times, we find remnants of the colonization process, a colonial scars are still visible in multiple everyday situations. Thinking about this issue, we approach the interface literature and politics of death in *Os Cus de Judas* (2007), by the Portuguese writer António Lobo Antunes. In this way, this research aims to answer how the imperial project of the Portuguese homeland is configured in the respective novel, since the protagonist-narrator uses his voice to denounce the agony and atrocities of the colonial war in Angola, in episodes that mark the narrative from A to Z. Each letter configures a step in the path of the Portuguese troop, showing the need to review colonial wounds and rethink the value of life. That said, this research aims to analyze how the construction of the death policy takes place, leading us to identify the main artifices present in the voice of the narrator of *Os cus de Judas*, thinking about the irony and articulation of language; as well as showing that there is a fruitful critique of the European colonial system; finally, to develop an anti-colonial study on the respective narration. In this sense, in the light of theorists, David Birmingham (2015) and Gerson Roani (2004), we discuss the background of the historical and political setting of the novel; Franco Junior (2009), Theodor W. Adorno (2003) and Terry Eagleton (2018), about the narrator's position; then Achille Mbembe (2018) and Michel Foucault (1999), arguing about the politics of death woven into the narration; Frantz Fanon (2012), Roberto Vecchi (2010), Eduardo Lourenço (1992) and Aimé Césaire (1978), contributing to the anti-colonial studies in view of the perspective of the autodiegetic narrator of the work. Thus, the experience of the narrator-protagonist, the catastrophe in Africa and the discarding of the lives of Angolans, as well as the Portuguese who were sent to war, took place in the name of a national project of domination and progress, and in formal terms, it took place in the construction of the narrative itself, through the fragmentation exposed in the narration to account for the limit experience that was the Portuguese colonial war in Angola.

Keywords: Death policy; Autodiegetic Narrator; Portuguese Colonial War; Anticolonial Literature; António Lobo Antunes.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	A TRANSFIGURAÇÃO DA REALIDADE COLONIAL EM <i>OS CUS DE JUDAS</i> 13	13
2.1	Os pilares do imperialismo português na conjuntura colonial	14
2.2	A necropolítica enquanto exceção atlântica no romance	19
3	EXPERIÊNCIA DE GUERRA NA VOZ DO NARRADOR	25
3.1	A voz do narrador autodiegético e a experiência colonial	26
3.2	Perspectiva anticolonial na voz do narrador autodiegético.....	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura é um dos meios utilizados para apresentar ideias, assim como para pensar o mundo e as coisas à nossa volta, possibilitando reflexões pertinentes para a ampliação de conhecimentos e discussões sobre os mais variados campos de estudos. Quando voltamos o nosso olhar para as temáticas anticoloniais, pensamos no modo como os países atravessaram o processo de colonização e como os povos sofreram com esse curso, isso porque ainda há, na contemporaneidade, feridas incuráveis desse período passado.

Dessa forma, partindo do romance *Os Cus de Judas* (2007), do escritor português António Lobo Antunes, embarcamos na narrativa dolorosa da crueldade e da agonia humana que o narrador-protagonista traz através de um monólogo em um bar, em Lisboa, cujos testemunhos são narrados no transcorrer de uma única noite. Nesse cenário, o médico português, por meio de uma construção de Alter ego do próprio António Lobo Antunes, esmiuçar a sua longa travessia pelo continente africano e, considerando sua função na guerra, expõe em fragmentos as atrocidades e a sua experiência na guerra colonial portuguesa, em Angola, ou melhor, Guerra de Independência de Angola (1961-1974).

Em meados do século XX, mais precisamente em 1961, o continente africano sediou um dos maiores conflitos da história. Os grupos independentistas de Angola uniram suas forças para enfrentar o imperialismo colonial português, liderado por António de Oliveira Salazar, que buscava a ampliação da economia e do poder através das forças que alicerçaram o seu plano perante aquele país que, adversamente, lutava pela libertação nacional. Diante disso, entrelaçamos a esse contexto literário as políticas de morte, compreendendo os mecanismos do descarte da vida e verificando como em *Os cus de Judas* é configurado o projeto imperial/colonial da pátria portuguesa.

Pensando nisso, consideramos a relevância do romance para a análise crítica e interpretativa dos fatos narrados como forma de repensar as feridas coloniais contemporâneas. Decerto, objetivamos, de modo mais específico: analisar como se dá a construção da política de morte colonial na obra; identificar os principais artifícios na voz do narrador protagonista; mostrar que há, no romance, uma crítica profícua ao sistema colonial e, ainda, desenvolver um estudo anticolonial sobre o respectivo romance.

A presente pesquisa mostra-se relevante, pois, quando aliamos as composições literárias de *Os Cus de Judas* (2007) aos meios de exercer as políticas de mortes, percebemos os efeitos dos testemunhos confrontando a realidade, sobretudo ao aludir as problemáticas envolvidas nos fragmentos que traduzem o colonialismo.

A motivação para realização dessa pesquisa decorre da participação no Projeto de Iniciação a Pesquisa Científica (PIBIC), intitulado: “O que vale a vida aqui? A necropolítica tecida na prosa contemporânea portuguesa?”. Nessa perspectiva, viu-se a necessidade de refletir acerca das feridas coloniais existentes, observando como as relações de poder aprisionam e descartam a vida humana. Desse modo, intencionamos pensar a respeito das nações que vivenciaram a colonização, ampliando o campo de estudo dos profissionais e estudiosos da literatura, bem como da necropolítica na prosa de Lobo Antunes, buscando, inclusive, expandir a visão crítica em torno do romance e da literatura portuguesa contemporânea.

Assim, o propósito deste estudo consiste em discutir as temáticas anticoloniais que elaboram o romance escolhido, partindo de uma abordagem com teor crítico e levando em consideração os relatos do narrador autodiegético. Nesse sentido, a pesquisa configura-se numa explanação qualitativa, de modo a gerar conhecimentos pertinentes e significativos para os estudiosos do tema que abrange às políticas de morte e literatura. À vista disso, para conhecer os cenários políticos e históricos, contaremos com o auxílio de Adorno (2003), Birmingham (2015), Eagleton (2018) e Roani (2004), sobre narrador; Foucault (1999) e Mbembe (2018), discorrendo sobre a política de morte; e Césaire (1978), Fanon (2012), Lourenço (1992) e Vecchi (2010), com os estudos anticoloniais. Desse modo, trata-se de uma pesquisa exploratória e de caráter bibliográfico.

Na sequência desta, no Capítulo I, intitulado “A transfiguração da realidade colonial em *Os Cus de Judas*”, é exposta uma retrospectiva sobre o contexto político e histórico das nações que constituem o conflito sangrento na obra, apresentando o estabelecimento da tríade ideológica do império português governado por António Salazar. Além disso, é realizada uma discussão sobre a necropolítica e a exceção atlântica no romance, articulando as principais ideias dos fatos narrados. Posteriormente, no segundo capítulo, “Experiência de guerra na voz do narrador”, é realizada uma análise sobre a voz do narrador e a experiência colonial, observando os artifícios da linguagem, que entregava a realidade bélica de maneira a ironizar os acontecimentos e as condições vivenciadas pela única voz ativa no romance; em seguida, adentraremos na perspectiva anticolonial da narração, momento em que refletiremos sobre a tomada de consciência presente na narrativa que fragmenta a agonia da guerra em *Os Cus de Judas* (2007).

Em suma, no decorrer da pesquisa, por meio de uma análise interpretativa do romance de Lobo Antunes, com as contribuições teóricas, focamos na voz e na experiência do narrador autodiegético na Guerra de Independência de Angola, denunciando de forma diluída as problemáticas que perpassam o tempo e que chegam à contemporaneidade. Como resultados,

em síntese, destacamos que a política de morte colonial portuguesa é configurada a partir do descarte e da desvalorização das vidas angolanas, bem como dos portugueses que foram enviados à guerra em nome de um projeto de dominação e enriquecimento, que, em termos formais, dar-se-á na própria construção da narrativa, através da fragmentação e agonia do ser exposta na voz do narrador-protagonista.

2 A TRANSFIGURAÇÃO DA REALIDADE COLONIAL EM *OS CUS DE JUDAS*

Neste capítulo, compreenderemos como aconteceu o processo de configuração do narrador autodiegético numa perspectiva histórica e política, considerando os pilares presentes da infância aos momentos de agonia na guerra colonial portuguesa, à medida que identificaremos a necropolítica (política de morte) diluída em alguns momentos da narrativa. Diante disso, analisamos, por meio da fragmentação da memória, a denúncia dos pilares do imperialismo português (Deus, Pátria e Família), assim como a política de morte do traçado bélico, sendo a voz o principal artifício anticolonial na narrativa.

Dessa maneira, vemos o lema salazarista como um ordenamento da nação portuguesa, de modo que, no decorrer dos testemunhos, o narrador-protagonista promove uma relação entre “Deus, Pátria e Família” e sua experiência na guerra, demonstrando com ironia as bases ideológicas que instrumentalizaram os indivíduos que envolveram e defenderam a guerra colonial em nome de um projeto nacional. Tal lema de verve fascista fortalecia o governo português que buscava poder, ao mesmo tempo que a narração articula a formação familiar do narrador como forma de impulsionar as razões e os legados ancestrais em busca da expansão dos territórios em nome de Deus, da pátria e da civilização. Em *Os Cus de Judas* (2007), vemos os motivos que moveram os relatos que lemos, todos imbuídos de críticas ao passado e ao tempo presente, que ainda resguarda ideologias do regime.

Nesse viés de análise, a partir da voz do narrador, percebemos como os mecanismos de política de morte são apresentados no romance enquanto estado de exceção atlântica, reconhecendo os meios que descartavam as vidas em massa, o massacre e as torturas que marcaram o testemunho, bem como a vida dos sobreviventes do conflito bélico nos países da África. Nesse sentido, evidenciaremos as lembranças das mortes constantes e a falta de perspectiva que prevalecia nos infindáveis meses de guerra; nesta, a esperança se dilacerava junto aos corpos sem vida.

Em suma, veremos como é relevante considerar a narração desta voz como o meio de conhecer a realidade do extermínio, em especial como fora articulado o plano imperial de Portugal nas terras africanas, reconhecendo as inferências políticas e religiosas como forças superiores que sedimentaram os objetivos do governo e geraram a máquina de destruição de vida: a guerra colonial.

2.1 Os pilares do imperialismo português na conjuntura colonial

No romance *Os Cus de Judas*, por meio da narrativa fragmentada de A a Z, o narrador-protagonista utiliza sua voz para articular a experiência de guerra, bem como denunciar a conjuntura que firmou o projeto de colonização no continente africano ainda no século XX. À vista disso, atentamos para o ano da ocorrência: 1961, ano em que a guerra de independência angolana percorria os solos da África. Nesse sentido, haviam dois grupos na esfera da guerra: de um lado, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), manifestando-se através das suas forças para obter libertação; de outro, o comboio que transportava a tropa portuguesa aliada de um plano colonial, cujo líder supremo era o ditador Salazar.

Decerto, dentre tantos países que sediaram guerras, Portugal tem tido sua visibilidade e reconhecimento dentro desse contexto, que ligava-se às ideologias políticas soberanas. Nos territórios portugueses, Salazar era considerado uma referência, segundo Birmingham (2015, p. 183), no que tange ao Estado Novo, “foi contemporâneo aos regimes de Mussolini, na Itália, e de Primo Rivera, o Velho, na Espanha, era comumente descrito por seus adversários como um sistema fascista de governo”. Com isso, notamos uma referência obtida através dos regimes vigentes.

Diante disso, podemos pensar a respeito de como o Estado Novo ganhou tanto apoio e confiança para destinar sua tropa às guerras coloniais da África. No romance, deparamos a todo momento com Salazar desenhando os passos dos portugueses, diante da trajetória que demarcou o “espectro da agonia” (ANTUNES, 2007, p. 24), aquela sensação constante de morte nas “terras do fim de mundo”. Nisso, podemos verificar que havia, no governo de Salazar, uma união que gerava muita potência em prol de um poder soberano português, reflexão que nos permite postular que:

Como um professor católico de contabilidade, aparentemente solitário, oposto a todas as teorias econômicas de modernização e de desenvolvimento conseguiu ganhar tanto poder na época da depressão a ponto de mantê-lo durante a Segunda Guerra Mundial e por muitos anos? A resposta é encontrada ao analisarmos seu hábil malabarismo entre os interesses do Exército, da classe média urbana, dos monárquicos e da Igreja. (BIRMINGHAM, 2015, p. 184-185).

A partir desse fragmento, vemos que, mesmo comportando muitas virtudes de uma personalidade, como as outras da mocidade portuguesa, e apesar de ser avesso às teorias econômicas de desenvolvimento, Salazar conseguiu, num período de crise, ser soberano dentro

de uma nação e sabiamente atendeu aos requisitos impostos por integrantes de influência econômica da sociedade, que conseguiu fundamentar seus propósitos fascistas.

De acordo com o texto literário, podemos identificar que a vida do protagonista foi traçada conforme impunha seu berço nativo, Portugal. As lembranças que passeiam na obra nos permitem conhecer as várias fases do seu processo de vida, bem como as estruturas que o construíram socialmente. Considerando como base o governo, não esquecemos que os portugueses foram edificados por um mesmo molde e estabeleceram-se sob controles políticos – o nome que estava no poder.

O narrador protagonista descrito por Franco Junior (2009, p. 43), no texto *operadores de leitura da narrativa*, descreve que “um narrador que narra necessariamente em 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimento”. Dessa maneira, compreendemos a voz que narra ironicamente como informante na obra, mediante existência de muitas pegadas de feitos políticos das quais influenciavam superiormente o plano de colonização. Criando uma luta armada com propósitos tão insignificantes para os dois grupos que viveram momentos de muita angústia, viam e conviviam com a morte constantemente, foram as vidas dos angolanos que defrontaram em razão de libertação e também de corpos de soldados portugueses na luta em nome da honra à sua pátria.

Nessa ótica, vale ressaltar que a narrativa é envolvida pela tríade “Deus, Pátria e Família” que transita desde as lembranças da infância do protagonista, como no seu seio familiar, às influências religiosas ligadas aos ideais políticos integrantes da sua construção enquanto português. Desse modo, entendemos que essas memórias trouxeram um recorte do imaginário existente antes da experiência de guerra, tornando-se um fragmento resguardado, como um meio de fuga para a realidade do pós-guerra, como vemos a seguir:

Não sei se lhe parece idiota o que vou dizer mas aos domingos de manhã, quando íamos lá com o meu pai, os bichos pareciam mais bichos, a solidão de esparguete da girafa assemelhava-se à de um Gulliver triste, e das lápides do cemitério dos cães subiam de tempos a tempos latidos aflitos de caniche. Cheirava aos corredores do Coliseu ao ar livre, cheios de esquisitos pássaros inventados em gaiolas de rede, avestruzes idênticas a professoras de ginásticas solteiras. (ANTUNES, 2007, p. 7).

Nesse fragmento, nota-se a visão de uma criança, rememorada por um adulto que experienciou um conflito que mudou a sua perspectiva de vida, mediante situações cotidianas manifestadas em sua fala, apresentando metaforicamente um contexto conduzido pelos costumes e pelas tradições da família, as quais, diante da guerra, permitiram ser descritas de forma mais expressiva a uma realidade agora distantes das idealizações. Decerto, a prisão da

guerra podia ser comparada aos pássaros presos em suas gaiolas por ideais desconhecidos, porém aceitos.

Por outro lado, no viés que envolve o meio familiar do narrador, percebemos a veneração dos fantasmas de seus antepassados, que enfeitavam as paredes e influenciavam diretamente na criação imaginária de viver o combate como uma experiência exclusiva e ofertada pelo governo para tornar-se um homem. Por meio do jogo da ironia, portanto, compreendemos, na fala do narrador-protagonista, a motivação que o direciona à guerra e à continuidade do legado de servir à nação, de modo a só depois contemplar seu triunfo, como era esperado por seus familiares. Vejamos:

As tias instalavam-se a custo no rebordo de poltronas gigantescas decoradas por filigranas de crochê, serviam o chá em bules trabalhados como custódias manuelinas, e completavam a jaculatória designando com a colher do açúcar fotografias de generais furibundos, falecidos antes do meu nascimento após gloriosos combates de gamão e de bilhar em messes melancólicas como salas de jantar vazias, de Últimas Ceias substituídas por gravuras de batalha: — Felizmente que a tropa há-de torná-lo um homem. (ANTUNES, 2007, p. 13).

Através desse trecho, que diz respeito ao pensamento das tias do protagonista em relação aos símbolos dos generais, como são descritos, entendemos que estes causavam encantamento, por deixarem um legado que atravessaria as gerações dos portugueses. Nessa perspectiva, percebemos a forte denúncia do narrador sobre a influência do governo como fator primordial para tornar o homem um ser social e digno de valor diante da sociedade, evolução esta que, por sua vez, só seria possível pela serventia à pátria/nação e pelo sacrifício (quase religioso) de mostrar méritos que beneficiassem o regime.

Além disso, o respectivo fragmento evidencia que a guerra, mais especificamente o campo de batalha, seria o acontecimento ideal para a metamorfose que todo integrante precisaria para, assim, contemplar os anseios familiares, mesmo que, por baixo desses nomes e uniformes militares, escondessem a realidade da dor, da morte e da mais agonizante experiência dos campos de degradação da vida, pois somente quem sobreviveu aos trágicos combates em nome da nação poderia ser testemunha.

Outro pilar relevante referido no romance foi o catolicismo, visto que a ditadura e a religião não se distanciam dentro da narrativa, mostrando as influências na construção da voz crítica do narrador, uma vez que esta é acentuada quando identificamos que Salazar estudou a maneira de fazer uso desses pilares para erguer seu plano de poder e colonização.

De acordo com Birmingham (2015), ainda em função da dominação da tropa salazarista, diante das desgraças que assolavam a sociedade, o medo fez território e Salazar propagava

profecias apocalípticas, pois, com o intuito de arrastar fiéis e tendo conhecimento da devoção e do culto à Nossa Senhora de Fátima, consagrou ela como “Fátima para religião”, visto que representava um forte símbolo político. Por essa razão, deparamo-nos com os mecanismos involuntários estampados na seguinte passagem:

As senhoras do Movimento Nacional Feminino vinham por vezes distrair os visons da menopausa distribuindo medalhas da Senhora de Fátima e porta-chaves com a efígie de Salazar, acompanhadas de padre-nossos nacionalistas e de ameaças do inferno bíblico de Peniche, onde os agentes da PIDE superavam em eficácia os inocentes diabos de garfo em punho do catecismo. (ANTUNES, 2007, p. 17).

No excerto acima, as figuras de António Salazar e Nossa Senhora de Fátima mantinham semelhanças, no que tocante à representação máxima de poder, inclusive como escudo de proteção para o povo. À vista disso, percebemos que Lobo Antunes promove uma crítica à construção religiosa, colocando em contraste o sentimento nacionalista entranhado no povo com o inferno bélico, na África, onde a vida perdia sentido e a morte dominava angolanos e portugueses.

Com efeito, o narrador tece na obra um labirinto de ideias que, ao analisar alguns detalhes do seu testemunho, vemos a complexidade da sua experiência individual de vivência coletiva. Pensando nisso, no movimento de transitoriedade de passagens das memórias, ele traz uma crítica profícua, ao fazer uma comparação da versão da história bíblica da Arca de Noé, como acontece ao chamado da guerra. Isso porque a narrativa da Arca descreve como Deus instruiu Noé a construir uma embarcação para salvar sua família e os animais de um dilúvio, tirando os bichos de seus *habitats* para acompanhá-lo num plano individual de “salvação”, assim como fora realizado na África, mostrando o projeto de ideia individual, mas que levava um preço coletivo, como vemos a seguir, quando fora mencionado o plano imperial da arca, um tormento da infância presente no conflito:

[...] recordo com a nitidez de um pesadelo infantil a sua careta de Noé perplexo, embarcado à força numa arca de bichos com cólicas, que arrancaram às florestas natais das suas repartições, das suas mesas de bilhar e dos seus clubes recreativos, para os lançar, em nome de ideais veementes e imbecis, em dois anos de angústia, de insegurança e de morte. Acerca da veracidade desta última, de resto, não sobejavam dúvidas: grandes caixões repletos de féretros ocupavam uma parte do porão, e o jogo, um pouco macabro, consistia em tentar adivinhar, observando os rostos dos outros e o nosso próprio, os seus habitantes futuros. (ANTUNES, 2007, p. 24).

Nessa perspectiva, percebemos o quanto é forte o pensamento quando comparadas as duas situações as quais, por objetivos e regalias individuais, pôs em xeque a vida de outros,

saindo do seu *habitat* e dispondo-se, sem chance de recusa, a servir como peça de um jogo que poderia pôr fim na vida. Desse modo, é possível perceber que há muita coisa em comum entre os pesadelos descritos no fragmento, a exemplo do tempo da agonia: dois anos. É certo, pois, que este período se assemelha às angústias e incertezas, através do jogo de assistir constantemente a morte do outro em face dos grupos que guerreavam por interesses ocultos e vazios, sem direito de manifestar nem um grito de revolta.

O tempo passava em *Os Cus de Judas* e o plano continuava em desenvolvimento, de modo que para o império tardio não importava nada além da dominação, pois colonizar Angola era o foco de alcance do governo. Com o intuito de fomentar a força e o rendimento econômico do país, valia tudo, inclusive várias vidas em troca. Nesse sentido, o homem, em sua serventia a projetos nacionais, passou a ser instrumentalizado, sendo objeto de domínio do soberano e manobrado conforme suas vontades.

Conforme Fanon, em *Racismo e Cultura*, podemos enxergar “este homem-objecto, sem meios de existir, sem razão de ser, é destruído no mais profundo da sua existência. O desejo de viver, de continuar, torna-se cada vez mais indeciso, cada vez mais fantasmático” (FANON, 2012, p. 277). É desse modo, pois, que se encontram os corpos dos dois grupos que guerrearam, pois não são somente os portugueses que estão entregues ao caos e à loucura da guerra; os angolanos também manifestaram incansavelmente o seu desejo de libertação e isso custava a vida. Nesse impasse, refletia-se sobre o sentido da vida sem motivos reais de existência, viver apenas no espectro da agonia, na sobrevivência de um conflito que rendeu, sobretudo, traumas.

Através dos interesses políticos que determinavam o plano colonial, pensamos as pessoas como peças-chave do governo, pois o exército disponível à pátria cedeu suas famílias, seus valores e princípios, prontos para trazer glória ao seu povo, dado que seguiam-se às cegas onde enfrentaram uma realidade não conhecida da guerra, como nota-se a seguir:

[...] os homens de negócios pensam em nós fabricando material de guerra a preço módico, o Governo pensa em nós atribuindo pensões de miséria às mulheres dos soldados, e nós, mal agradecidos, alvos de tanto amor, saímos do arame em que apodrecemos para morrer por perversidade de mina ou emboscada, ou deixamos negligentemente filhos sem pais a quem ensinam a apontar com o dedo o nosso retrato ao lado da televisão, em salas de estar onde tão-pouco estivemos. (ANTUNES, 2007, p. 72).

Conforme o trecho, compreendemos os homens como produtores de ferramentas de importância para o capitalismo bélico; este alimentava-se e crescia com a guerra. Além disso, vemos a crítica aos maus agradecidos, por não reconhecerem a oportunidade de estar no combate uma experiência transformadora. Diante disso, por meio da expressividade do narrador

autodiegético, foram mostrados pela própria vivência os ancestrais sentenciados às guerras e aos mesmos fins de interesses políticos que retiravam de tantos o direito de viver. Nesse viés, pensamos também os fatos que engendram as políticas de morte enquanto exceção atlântica no romance.

2.2 A necropolítica enquanto exceção atlântica no romance

No romance *Os Cus de Judas*, a trajetória percorrida pelo médico português, em especial o protagonista com voz narrativa, traz para a mesa de um bar um testemunho intenso e traumático da Guerra de Independência de Angola, que tem como ouvinte uma mulher ausente no diálogo, embora disponha da sua atenção e permaneça na escuta ativa em todos os relatos e traçados sobre a guerra, como se fôssemos nós leitores. Logo, temos acesso a um depoimento da lista de A a Z, sendo cada letra uma representação do percurso em terras africanas.

Nesse movimento do texto literário, percebemos a crítica que Lobo Antunes lança através do narrador autodiegético; vai além dos depoimentos do conflito sangrento e toca a necropolítica presente em todos os fragmentos desse relato. No ensaio *Necropolítica*, Achille Mbembe descreve o seguinte: “[...] as ligações entre a modernidade e o terror provêm de várias fontes. Algumas são identificáveis nas práticas políticas do Antigo Regime. A partir dessa perspectiva, a tensão entre a paixão do público por sangue e as noções de justiça e vingança é crítica” (MBEMBE, 2018, p. 129). Ou seja, é desse modo que percebemos como a influência desse legado na história prevalece e é contemporâneo, fatores enraizados, por vezes inacabados e presentes até os dias de hoje.

É sabido, pois, que, ao referir-se à guerra colonial em relação ao texto literário, é preciso atentar-se para o contexto de inserção. Logo, pensar em Angola nos permite fazer pontes de significados entre a obra e o que acontece no continente africano, considerando suas marcas e raízes para, assim, refletirmos a finalidade do combate. Desse modo, pensaremos no ano de 1974, especialmente num conflito que devastou muitas vidas e, por vezes, silenciou muitas vozes, como expressa-se a seguir:

O termo << guerra colonial>> está ideologicamente conotado (confuso como excrescência do movimento revolucionário de 74), é usado também como nuances mais nostálgicas e marcadas ideologicamente noutro sentido <<guerra do Ultramar>> ou redominada, em chave e politicamente correcto, <<guerra de África>>. Ora, há ou pode haver um pós-conflito quando o conflito é negado? por isso pode falar-se hoje de uma guerra fantasma, uma guerra cujos rastros do pós-conflito são as mortes ou as mutilações que deixou atrás de si mas que, ao lado dessa evidência testemunhada hoje, colocam de modo agudo as aporias da sociabilidade das memórias, da tradução das

memórias pessoais em memórias colectivas, do testemunho em história. (VECCHI, 2010, p. 140).

Como vimos, a não aceitação de um conflito, como a guerra que gerava para além de uma interrogação, acabaria por gerar um novo motivo para revolta, apesar de muitas vozes amordaçadas, visto que a narração entrega rastros macabros que a humanidade viveu e morreu com este evento sangrento. Daí a necessidade de escutarmos sobre as vidas ceifadas que não tiveram oportunidade de expor a verdade do combate; tudo, por consequência, surtiu efeito na crítica elaborada pelo narrador-protagonista: memórias individuais, uma coletividade em meio aos acontecimentos limites.

Diante disso, percebemos o trajeto detendo a Luanda elaborada nas páginas de *Os cus de Judas* (2007). Logo, evidenciamos como é configurada a política de morte na narrativa, nesse caso, obra contemporânea que utiliza a linguagem irônica do narrador como forma de resistência. Além disso, refletimos sobre o papel dos soldados portugueses enquanto sinônimos de menosprezo, peças escolhidas para fazer parte de mais um jogo de tabuleiro, cujo domínio da pátria portuguesa era o objetivo. Isso porque colocar-se à disposição do regime era o sinal de encorajamento que um homem poderia fazer diante da nação. Assim, é possível verificar como esse sentimento é composto no narrador autodiegético, como vemos no trecho a seguir:

[...] em toda a parte do mundo a que aportamos vamos assinalando a nossa presença aventureira através de padrões manuelinos e de latas de conserva vazias, numa sutil combinação de escorbuto heróico e de folha-de-flandres ferrugenta. Sempre apoiiei que se erguesse em qualquer praça adequada do País um monumento ao escarro, escarro-busto, escarro-marechal, escarro-poeta, escarro-homem de Estado, escarro-equestre, algo que contribua, no futuro, para a perfeita definição do perfeito português: gabava-se de fornicar e escarrava. (ANTUNES, 2007, p. 21-22).

Como expresso no fragmento do texto literário, a situação de um ser humano é tida como um instrumento de trabalho do governo, cumprindo missão através de um plano regido por propósitos em benefícios econômicos para o projeto imperial português. Nessa perspectiva, vemos a necessidade de cultivar o patriotismo, pensando no envolvimento do povo e percebendo o “escarro” que diz respeito à condição de representar o nada, da desqualificação e descarte dos seres levados pela devoção ao governo. O lema “Deus, Pátria e Família” era o pilar que resistia, esculpia o nacionalismo e firmava a identidade nacional dos soldados.

Outro ponto fundamental no contexto dessa guerra é voltarmos o olhar para a África, continente cujas marcas de conflitos sangrentos correspondem aos movimentos que envolvem etnia, religião, disputa territorial e golpes de Estado, fatores provenientes, sobretudo, da colonização. Pensando nisso, o romance confirma a saga do exército português, assim como os

levantes angolanos, território assinalado por tantos enfrentamentos os quais António Lobo Antunes engendra na sua literatura.

Decerto, é pertinente lembrar o modo como o continente tornou-se referência no que diz respeito ao espaço de apresentação das políticas de morte. A guerra é uma tecnologia da necropolítica, diante das mais variadas formas de exercer e alimentar tal tipo de política. Desse modo, concordamos com o filósofo camaronês, que descreve o seguinte: “[..] as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam” (MBEMBE, 2018, p. 133). Logo, considerar o ambiente das facetas da guerra é fundamental para pensarmos de que modo é desenvolvida a necropolítica, de modo específico, identificar os pilares que elevam e fortalecem esse tipo de gestão pelo horror, uma vez que nesses conflitos de crueldade a vida tinha o mesmo fim: o mero descarte.

Em Luanda, as pessoas que ali estavam não se enxergavam como seres diferentes, uma vez que estavam todas submetidas à mesma situação de batalha, de modo que, embora lutassem por motivações opostas, havia algo em comum na guerra: a morte. Pensando nisso, veremos as condições dos combatentes que não podiam questionar, tampouco mudar a realidade de conviver com o descontrole bélico:

Se a revolução acabou, percebe?, e em certo sentido acabou de fato, é porque os mortos de África, de boca cheia de terra, não podem protestar, e hora a hora a direita os vai matando de novo, e nós, os sobreviventes, continuamos tão duvidosos de estar vivos que temos receio de, através da impossibilidade de um movimento qualquer, nos apercebermos de que não existe carne nos nossos gestos nem som nas palavras que dizemos, nos apercebermos que estamos mortos como eles [...]. (ANTUNES, 2007, p. 59).

Sem perspectiva de existência, o narrador-protagonista não consegue identificar o real sentido ou mesmo separar o estado psicológico de estar vivo ou morto na África. Como foi exposto no trecho anterior, os vivos se confundem com os mortos no momento em que são perseguidos a todo instante pelo fantasma morte, de modo que a cada movimento uma outra vida é ceifada. Nisso, dificultava-se o entendimento de que mesmo estando vivo havia a impressão de estar morto, exatamente por serem guiados como fantoches, privados de voz e atitude, bem como desvalorizados, incapazes de manifestar as injustiças e compreender os motivos do caos da guerra.

Com efeito, a guerra, como sugere a narrativa, existe por motivações opostas, apesar da permanência de anos do governo salazarista ter ganho tanta força e resistido por tanto tempo, de modo que, ainda para dar continuidade, teve o seu sucessor Marcello Caetano. Além disso,

existe o outro lado, um adversário para lutar o plano imperial em confronto com os grupos independentistas num conflito sangrento, o que confirma a perspectiva de Mbembe:

Cada vez mais, a guerra não ocorre entre exércitos de dois Estados soberanos. Ela é travada por grupos armados que agem por trás da máscara do Estado contra os grupos armados que não têm Estado, mas que controlam territórios bastante distintos; ambos os lados têm como seus principais alvos as populações civis desarmadas ou organizadas como milícias. (MBEMBE, 2018, p. 141).

Como o trecho sugere, o conflito tem meios e propriedades, não acontece sem propósitos, mas é desenvolvido a partir de ideais contrários. No entanto, vê-se Portugal em campo, articulando um plano de colonização, e os angolanos reivindicando em defesa de libertação, no intuito de livrarem-se das amarras, lutando para que de certo modo quebrem as correntes da escravidão, do sofrimento e saiam da mercê do regime de controle lusitano.

Nesse cenário bélico, a angústia é um dos sentimentos mais recorrentes na voz do narrador do romance de Lobo Antunes, ao recordar os momentos do combate. Sobre isso, percebemos, especialmente nos seus testemunhos, que cada episódio da guerra deixou um trauma imensurável e que reduz suas perspectivas de mundo. De forma natural, mesmo saindo sobrevivente, seus princípios e valores já haviam sido destruídos.

Dessa forma, a crítica constrói, na figura individual do médico soldado, assim como de outros que estavam ali, a ideia de que todos foram compelidos a viver uma sensação de morte em vida, a existir em um espaço perturbador o qual retirou o sossego dessas pessoas, em razão das várias cenas angustiantes que faziam parte do seu dia a dia. De certo modo, o resumo das suas vivências no campo de morte, até mesmo no período de sono, não distinguia a realidade do imaginário, como ele expressa ao dizer que: “Eu estava farto da guerra, Sofia, farto da obstinada maldade da guerra e de escutar, na cama, os protestos dos camaradas assassinados que me perseguiram no meu sono, pedindo-me que os não deixasse apodrecer emparedados nos seus caixões de chumbo [...]” (ANTUNES, 2007, p. 148). Ou seja, o pesadelo da guerra era real e parecia não ter fim.

Como sabido, o movimento da batalha armada domesticava os soldados, que viam em sua serventia a utilidade de suprir suas necessidades, a exemplo das ferramentas fundamentais de triunfos. Desse modo, na narrativa, o poder soberano atravessa o biopoder, de modo que, a partir do filósofo Michel Foucault, no livro *História da Sexualidade vol. 1*, precisamente no capítulo “Direito de morte e poder sobre a vida”, podemos fazer uma ponte com a narrativa, como vê-se nos postulados a seguir:

[...] centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos — tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: *anátomo-política do corpo humano*. (FOUCAULT, 1988, p. 131).

Nesse excerto, há uma demonstração referente ao poder sobre o corpo, ao gerenciamento dos objetivos que faziam caminhar de acordo com suas finalidades e às correspondências de interesses egoístas. Isto é, preparar aqueles indivíduos para que pudessem ser úteis e apresentassem, por trás do fascismo, honra à pátria, tornando-se, pois, símbolo de lealdade para a nação portuguesa.

Durante o percurso firmado com a costura da necropolítica, no romance, que permeia os detalhes da voz do narrador-protagonista, damos conta da censura como um instrumento de recorte, a exemplo de “[...] O que de certo modo irremediavelmente nos separa é que você leu nos jornais os nomes dos militares defuntos, e eu partilhei com eles a salada de frutas da ração de combate e vi soldarem-lhes os caixões” (ANTUNES, 2007, p. 141). Decerto, é demonstrado o que de fato torna-se o terror da guerra: a sua veracidade. Logo, o exposto é avesso do ponto de vista de quem assistiu aos trágicos eventos.

Por um lado, quem estava condicionado à guerra, como sugere o protagonista, morria constantemente na saga que delimitou o período do conflito, mesmo estando biologicamente vivo, pois a agonia que estendia-se nos dias árduos da tragédia, influenciava mais intensamente no testemunho do narrador autodiegético, que permanecia forte nas suas memórias vivas à espera do fim que nunca chegava, de modo que, com o tempo, tudo poderia tornar-se mais distante, em virtude das incertezas daquela ocasião, como o fragmento que segue apresenta:

[...] durante um ano, morremos não a morte da guerra, que nos despoeva de repente a cabeça num estrondo fulminante, e deixa em torno de si um deserto desarticulado de gemidos e uma confusão de pânico e de tiros, mas a lenta, aflita, torturante agonia da espera, a espera dos meses, a espera das minas na picada, a espera do paludismo, a espera do cada vez mais improvável regresso, com a família e os amigos no aeroporto ou no cais, a espera do correio, a espera do jipe da PIDE que semanalmente passava a caminho dos informadores da fronteira, trazendo consigo três ou quatro prisioneiros que abriam a própria cova, se encolhiam lá dentro, fechavam os olhos com força, e amoleciam depois da bala como um suflê se abate, de flor vermelha de sangue a crescer as pétalas na testa [...]. (ANTUNES, 2007, p. 129).

Nesse trecho, vemos que a morte estava para todos acometidos na esfera desumana da guerra, especialmente quando detemos a repetição da palavra “espera”, pois identificamos, nesse artifício, o interminável e lento percurso bélico e, junto a esses anos, os males como saldo e a companhia dos combatentes na África. Além disso, percebemos o uso de elementos

dissonantes, contrastando o âmbito das necessidades básicas do humano que, mesmo diante da catástrofe, via os detalhes sutis da morte.

Quanto ao sentimento criado no testemunho, percebemos a crítica ao governo, meio pelo qual caracterizavam-se os conceitos defendidos pela bandeira portuguesa, artifícios que serviram para fabricar o português perfeito, proposto pelo lema do regime que dominava aquela nação e que serviu para atrair fiéis, levando, portanto, tantas vidas a descarte, em virtude de interesses que não beneficiariam o povo, apenas resultava de interesses econômicos e políticos do plano de colonização feito por poucos através de adestrando. No bar, a voz da razão do narrador sobressai-se; seu protesto e sua revolta também, como vemos:

[...] continua a parecer-me, a mim, que pertença à dolorosa classe dos inquietos tristes, eternamente à espera de uma explosão ou de um milagre, qualquer coisa de tão abstrato e estranho como a inocência, a justiça, a honra, conceitos grandiloquentes, profundos e afinal vazios que a família, a escola, a catequese e o Estado me haviam solenemente impingido para melhor me domarem, para extinguiem, se assim me posso exprimir, no ovo, os meus desejos de protesto e de revolta. O que os outros exigem de nós, entende, é que os não ponhamos em causa, não sacudamos as suas vidas miniaturais calafetadas contra o desespero e a esperança, não quebreemos os seus aquários de peixes surdos a flutuarem na água limosa do dia a dia, aclarada de viés pela lâmpada sonolenta do que chamamos virtude e que consiste apenas, se observada de perto, na ausência morna de ambições. (ANTUNES, 2007, p. 121-122).

Desse modo, de acordo com o trecho apresentado, o protagonista enfatiza a domesticação desenvolvida pelo Estado e pela Igreja moldando os indivíduos e o aquário enquanto essa redoma construída pela tríade “Deus, Pátria e Família”. Nessa perspectiva, a cena do bar deu voz aos confrontos como forma de protesto à soberania associada ao projeto imperial e seus apoiadores, de maneira a zelar pela falsa moral revestida na experiência da guerra. Conforme ressalva de Mbembe, compreendemos que “a política é, portanto, a morte que vive uma vida humana” (MBEMBE, 2018, p. 125). Essa colocação é, de forma assertiva, a representação de *Os Cus de Judas*, romance em forma de denúncia articulado por lembranças e fragmentos que resultam numa produção cuja política passeia por toda ela: a morte da vida humana.

3 EXPERIÊNCIA DE GUERRA NA VOZ DO NARRADOR

Neste segundo capítulo, dedicamos atenção aos artifícios da única voz que constitui o romance *Os Cus de Judas* (2007), sendo esse o meio escolhido para apresentar o contexto recriado. Nessa perspectiva, expondo em monólogo a traumática saga trilhada pelo médico e soldado português, enquanto servia a frota lusitana, Lobo Antunes promove na narrativa uma linguagem intensa e fragmentada, ao mesmo tempo que faz uso desses recursos para levantar as problemáticas que perpetravam a sociedade portuguesa.

Sobre isso, Portugal era um país promovido por interesses políticos fortemente sedimentados. O narrador-protagonista vem representar a inferência da figura crítica ao modo de vida do povo lusitano. Com efeito, através da linguagem, observamos os pormenores do campo de guerra e os depoimentos desse protagonista, que teve seus princípios e perspectivas esfacelados, assim como as tantas vidas que se esvaíram no combate.

A voz do narrador autodiegético, neste momento, atravessa o romance como uma voz denunciativa que recria os acontecimentos em Angola, mostrando de forma fragmentada como ocorreu a experiência da guerra colonial portuguesa, retratando os fatos mediante suas memórias e transitando em espaços e tempos que, ao serem interligados, serviram para sustentar a tríade “Deus, Pátria e Família”, do governo de Salazar e Marcello Caetano. Dessa maneira, as lembranças trazidas por ele não significaram apenas momentos da vida do protagonista, mas serviram para efetivar a crítica tecida pela linguagem empregada no texto literário.

O romance é um testemunho de um médico na guerra, de modo que, ocupando essa função, percebeu no conflito não haver razões que justificassem a maldade humana a qual estava inserido. O descarte das vidas dos angolanos e dos portugueses tornou-se eventos de todos os dias nos “cus de Judas”, isto é, terras que davam a sensação de fim do mundo, as violências e a morte como a troca de mais valia, uma vez colocadas em nome das conquistas egoístas do governo. Nesse contexto, vemos como a voz do narrador oportunizou identificarmos tais efeitos através das perversidades bélicas. Logo, a experiência relatada enquanto crítica e elaboração de uma perspectiva anticolonial.

É certo, pois, que, quando evidenciamos as perspectivas anticoloniais na voz do narrador autodiegético, verificamos como articulam-se os membros que influenciaram no projeto colonialista dos portugueses. Diante desse contexto, pensamos na retomada de consciência que expõe a visão do sobrevivente da guerra levantando ironicamente as problemáticas envolvidas no romance. Noutras palavras, as críticas tecidas na voz única que narra os meios e os fins do conflito sangrento, mostrando ao longo da narrativa como são

desconstruídas as idealizações da Nação lusitana. Daí a necessidade de atermos a esta voz que elucida o poder colonial prevalecente e como ele apresentava-se diluído em várias instâncias da vida.

3.1 A voz do narrador autodiegético e a experiência colonial

Inicialmente, é importante destacar que a linguagem adotada foi o principal instrumento para denunciar os massacres da guerra, tanto no viés físico quanto nos traumas psicológicos que transita no testemunho. Através da narração, conforme esmiuçavam-se os fatos, foram reveladas as condições dos indivíduos que estavam inseridos naquela conjuntura colonial. Isso porque a experiência contada naquele bar era de um sobrevivente em estado de decadência de vida, que saiu de um traçado bélico de anos de sofrimento guiado por um mapa de mortes e agonias, ambas motivadas pelo projeto colonial português.

Desse modo, a voz ativa presente no romance tornou-se a arma mais eficaz para atribuir significados aos fatos de desordem no referido contexto e aos fins do combate; estes foram estabelecidos e só puderam ser apresentados por meio do emprego da linguagem em suas variadas formas de ironia, como uma espécie de jogo de artimanhas, por exemplo, para exprimir os sentimentos e as cenas produzidas na obra literária. Pensando nisso, vimos em *Notas de Literatura I, a Posição do narrador no romance contemporâneo*, de Adorno (2003), uma reflexão sobre a relevância de considerar a narração como fator imprescindível para se expor os acontecimentos, vejamos:

Pois contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandardização e pela mesmice. Antes de qualquer mensagem de conteúdo ideológico já é ideológica a própria pretensão do narrador, como se o curso do mundo ainda fosse essencialmente um processo de individuação, como se o indivíduo, com suas emoções e sentimentos, ainda fosse capaz de se aproximar da fatalidade, como se em seu íntimo ainda pudesse alcançar algo por si mesmo [...]. (ADORNO, 2003, p. 56 - 57).

De acordo com o trecho acima, percebemos que a voz do narrador do conflito em África não pretendia confessar somente as realidades de um extermínio em massa, mas também as motivações por trás de um projeto que estava destinado a engrandecer-se, ainda que corrompesse vidas. Decerto, foi através da narração que pudemos ver as entrelinhas dos efeitos da fala do narrador-protagonista, na tentativa de que a história não se repetisse, tanto em Angola quanto nos demais países colonizados.

Nessa perspectiva, o narrador autodiegético rompe com os paradoxos estabelecidos naquela época e mostra, por meio da sua voz, numa conversa de bar, o que não poderia ser dito de forma tão explícita, por isso recorre aos recursos da sua oralidade, mostrando o seu posicionamento em relação àquelas condições e denunciando a realidade da guerra, especialmente de como realmente ocorreu, ou seja, de forma individual para o coletivo que partilharam juntos aquela agonia.

No movimento de desenvolvimento do monólogo, é possível identificar os sinais tecidos pela linguagem, dando espaço à reflexão das ações e às atitudes daquela tropa guiada por Salazar, a qual, mesmo estando na condição de combatente, via que o plano colonial favorecia os egos e as ideias de poucos. Além disso, de certo modo, era o fervor ao patriotismo exacerbado que havia se instalado naqueles seres ofuscados pelos fantasmas dos antepassados, dando continuidade ao legado de exercer honra a nação, ainda que custasse a morte.

Levando em consideração a importância dessa voz no romance, os mecanismos usados pelo narrador-protagonista, articulados entre si, produzem sentidos de acordo com os sentimentos de injúrias ao longo do desfecho da conversa com a ouvinte, apresentando em detalhes momentos que marcaram, dentre tanto outros, e firmando a crítica nas bases que o compuseram seus movimentos e influenciaram drasticamente sua visão em torno da vida e dos significados, como podemos observar nos postulados a seguir:

Não, a sério, a felicidade, esse estado difuso resultante da impossível convergência de paralelas de uma digestão sem azia com o egoísmo satisfeito e sem remorsos, continua a parecer-me, a mim, que pertença à dolorosa classe dos inquietos tristes, eternamente à espera de uma explosão ou de um milagre, qualquer coisa de tão abstrato e estranho como a inocência, a justiça, a honra, conceitos grandiloquentes, profundos e afinal vazios que a família, a escola, a catequese e o Estado me haviam solenemente impingido para melhor me domarem, para extinguirem, se assim me posso exprimir, no ovo, os meus desejos de protesto e de revolta. (ANTUNES, 2007, p. 35).

Conforme o fragmento apresentado, a percepção do protagonista no momento de introspecção, ressignifica-se diante dos resquícios do combate, demonstrando o silenciamento das suas angústias e anulando qualquer atitude que pudesse ser revolução naquele espaço, em virtude das esferas que coagiram seu comportamento. De longe, ideias inspiradoras quando remetiam-se à construção familiar, pensando nos familiares e na educação que refletia os critérios colonizadores/imperialistas do Estado, mas que, após essa trajetória sangrenta tornaram-se idealizações inalcançáveis.

Conforme pensando de Eagleton (2019, p. 111), em *Como ler literatura*, no capítulo que aborda a narrativa, dissertamos: “[...] pensar a narrativa como uma espécie de estratégia.

Como qualquer estratégia, ela mobiliza certos recursos e emprega certas técnicas para atingir determinados objetivos”. Isto é, considerando os relatos da obra, entendemos as finalidades e os artifícios da voz que narra, no sentido de que, como toda estratégia, ela funciona de acordo com o propósito, daí vemos a fragmentação do testemunho esfacelado, de maneira que a experiência é tida como o meio principal de divulgar as nuances da guerra, esta última tão difícil de narrar.

Decerto, à medida que a narrativa acontece, a transitoriedade das lembranças estabelece relações comparativas aos momentos confusos que exprimem sensações de desencontro de figuração do narrador autodiegético, pois tivemos acesso às lentes que ele tinha em suas fases da vida. A esse respeito, sua construção e influências a todo momento passavam por mudanças, como podemos ver no fragmento:

Pertenço sem dúvida a outro sítio, não sei bem qual, aliás, mas suponho que tão recuado no tempo e no espaço que jamais o recuperarei, talvez que ao Jardim Zoológico de dantes e ao professor preto a deslizar para trás no rинque de patinagem sob as árvores, entre os guinchos dos bichos e a campainha do vendedor de gelados. (ANTUNES, 2007, p. 29).

O excerto acima exterioriza a falta de localização de mundo do narrador-protagonista, no sentido de existir fazendo alusão aos momentos que marcaram a sua fase de criança. Nisso, tempo e espaço são afastados, tornando-se insignificantes quando resgatados da lembrança de uma experiência de pós-guerra, uma vez que sua infância, vivida na tranquilidade e harmonia com as coisas naturais, seria desconstruída nos “cus de Judas”.

A exemplo disso, podemos relacionar o contato desse indivíduo com a vida enquanto existir, na qual podia usufruir da companhia inocente dos bichos, pois estava inserido em um cenário da realidade que não confrontava seus princípios. Do contrário, seria estar exposto a uma guerra sem fins e compensações, na qual o descarte da vida ocorria no mesmo movimento que aumentava a ganância do Estado Novo em buscar ações que não beneficiariam a nação e, mesmo assim, liderava aqueles soldados portugueses e angolanos o quanto podiam relutar.

Considerando a importância do narrador, com Adorno (2003, p. 60), entendemos que “a partir de sua função como recurso de construção da forma: o autor, com o gesto irônico que revoga seu próprio discurso, exime-se da pretensão de criar algo real [...]”. Isto significa dizer, portanto, que a posição e os efeitos da voz do narrador foram capazes de traçar o caminho entre o dizer e a sua finalidade de expressar no texto literário suas críticas à sociedade, ao poder e às situações desumanas as quais fora submetido.

A voz do narrador-protagonista faz uma crítica profícua ao sistema do governo que predominava em Portugal, em especial anunciada por quem retratou momentos no combate que compreendia um coletivo sem consentimento, mas subjugado; via em suas próprias faces a morte do outro espelhando o mesmo destino:

Pulara sem transição da comunhão solene à guerra, pensava eu a abotoar o camuflado, obrigaram-me a confrontar-me com uma morte em que nada havia de comum com a morte asséptica dos hospitais, agonia de desconhecidos que apenas aumentava e reforçava a minha certeza de estar vivo e a minha agradável condição de criatura angélica e eterna, e ofereceram-me a vertigem do meu próprio fim no fim dos que comiam comigo, dormiam comigo, falavam comigo, ocupavam comigo os ninhos das trincheiras durante o tiroteio dos ataques. (ANTUNES, 2007, p. 114).

A reflexão do trecho diz respeito à forma como a morte ganha significado diferente naquele contexto bélico, pois não poderia comparar-se à morte espontânea que acontece fora da guerra, esta última compreendendo a realidade dos seres no seu ciclo natural. Como vimos, mesmo estando ao lado da tropa, ocupando função diferente, não escapava do mesmo fim esperado.

Tendo em vista os artifícios da narração, vemos a presença da ouvinte sem interferência na conversa, mas que estava a ouvir seu testemunho como peça essencial para a construção da crítica de Lobo Antunes, posto que a figura feminina ali era sua companhia, certo modo, a lente da sociedade que assistia a guerra, não como acontecia, mas como era apresentado em recortes oficiais, como nota-se no trecho a seguir:

O que de certo modo irremediavelmente nos separa é que você leu nos jornais os nomes dos militares defuntos, e eu partilhei com eles a salada de frutas da ração de combate e vi soldarem-lhes os caixões na arrecadação da companhia, entre caixotes de munições e capacetes ferrugentos. (ANTUNES, 2007, p. 141).

No fragmento apresentado, foram identificadas formas de enxergar aquela figura feminina como as pessoas que, assim como ela, não vivenciaram a guerra em seu verdadeiro acontecimento. Decerto, o que apresentava-se nos jornais do país eram os nomes dos soldados mortos, que ganharam créditos por estarem exercendo sua função em nome da pátria, embora a experiência de guerra rendesse o massacre no qual não se distinguiam nomes, tampouco classe social, pois, ali, a morte alcançava a todos sem exceção, apesar dos recortes que circulavam nos jornais e em todos os lugares; ele voltou com um corte na alma, cheio de traumas e vivências recalçadas e reprimidas.

Os testemunhos que fizeram do romance uma denúncia foram expostos como crítica quando interligados e expressos em tom de ironia, pois esta seria a forma mais eficiente para

interpretarmos as complexidades da guerra, bem como perceber o objetivo do narrador-protagonista: fazer uso de recursos possíveis para expor as mortes causadas pelo projeto colonial português. Desse modo, vemos o propósito da narrativa na perspectiva de Eagleton (2019), ao postular que:

[...] todas as narrativas precisam ser irônicas. Precisam apresentar suas versões sempre tendo em mente suas limitações. Precisam de alguma maneira incorporar ao que sabem aquilo que não sabem. Os limites da história precisam se tornar parte dela. (EAGLETON, 2019, p. 113).

Considerando o excerto apresentado, estabelecemos uma conexão com o texto literário, que menciona as versões dos fatos históricos pensando sempre nos limites que podem ser colocados, quando ficcionalizados. Pensando nisso, o narrador autodiegético realiza combinações que possibilitam reflexões acerca do que poderia ser dito conforme acontecera. Ademais, por meio da sua própria vivência, foram demonstrados os acontecimentos que só poderiam ser enxergados sob um ponto de vista crítico, capaz de descortinar as forças por trás do projeto imperial de Portugal, o que explica Lobo Antunes trazer o narrador e Alter ego para recriar tal realidade.

Quando unimos os artifícios da voz que atravessa o romance à experiência colonial, entendemos que é de fundamental importância a construção que a engendra, da mesma forma que a linguagem e a trama, possibilitando as críticas apontadas por Lobo Antunes no texto através do narrador-protagonista, das perspectivas dilaceradas e também impregnadas em seus dias pós-guerra. Com isso, os longos meses à disposição do exército português causaram feridas incuráveis, retirando do seu íntimo a vontade de permanecer vivo naquele momento.

No romance, a produção de significados é estabelecida pela voz que narra e preenchida por inferências que requerem atenção a cada dado informado, em razão do romance se configurar como uma espécie de diário da saga sangüinária em Angola. Neste, são descritos episódios que contemplam de forma simétrica o plano colonial, embora, em volta do projeto, adquiriu-se uma percepção antagônica, possibilitando que o lema do ditador líder do plano de colonização fosse desconstruído pela sua experiência crítica do massacre que exterminou várias vidas.

3.2 Perspectiva anticolonial na voz do narrador autodiegético

O narrador autodiegético cria suas perspectivas anticoloniais no romance por meio da elaboração de sua voz e de uma narrativa que exponha seu trauma e o aprendizado com a experiência. Sobre isso, através de elementos diluídos na fragmentação os quais, ao serem relacionados, produzem sentido referentes às questões que configuram o projeto imperial e comungam com este para acontecer a guerra em Angola. Nesse sentido, a linguagem é utilizada como mecanismo de manifestação dos horrores da guerra, momento em que põe em pauta as feridas coloniais daquela época e deixa de lado o silêncio das atrocidades.

Diante disso, há os pontos que ferem os seres humanos e a vida como um todo, posto que as mortes aconteciam e o propósito não era compreendido. A política lusitana, segundo Roani (2004), a sua forma de liderar era fechada, “[...] não só em relação aos africanos insurrectos, mas também em relação ao próprio povo português [...]” (ROANI, 2004, p. 25). Isso porque não relacionava-se com os outros países da Europa, pois seria o contrário: os seus ideais almejavam interesses egoístas de enriquecer-se, não buscando benefícios pensando na nação portuguesa. Logo, o narrador-protagonista, enquanto peça desse jogo de lutas e conquistas, enuncia:

O que os outros exigem de nós, entende, é que os não ponhamos em causa, não sacudamos as suas vidas miniatúrais calafetadas contra o desespero e a esperança, não quebreemos os seus aquários de peixes surdos a flutuarem na água limosa do dia a dia, aclarada de viés pela lâmpada sonolenta do que chamamos virtude e que consiste apenas, se observada de perto, na ausência morna de ambições. (ANTUNES, 2007, p. 122).

Dado o exposto, entendemos que os grupos que travaram a guerra no território angolano foram devastados pelo conflito, de modo que os soldados, lutando por nada e por obrigação, deveriam ocultar os propósitos da guerra colonial. Porém, Lobo Antunes usa o narrador autodiegético para apresentar o verdadeiro significado dos fatos, mencionando em sua fala revestida de críticas as nuances da desqualificação que os indivíduos representam para o governo. Decerto, os aquários dizem respeito à proteção das classes, assim como as vastas e multifacetadas personalidades que compactuavam de forma indireta com os objetivos.

De certo modo, o narrador-protagonista contempla, através do seu depoimento, a caracterização da condição existencial enquanto médico português, principal voz cuja função era denunciar a conduta do governo, modelando os arquétipos construídos na sociedade lusitana, ao passo que demonstrava as raízes sociais e políticas do país refletidas nas memórias

apresentadas, permitindo, pois, entender que, conforme o tempo passasse, continuavam os mesmos ideais, o que mudava era as fachadas.

Quando detemos ao colonialismo impregnado na narrativa, vemos, com Fanon (2012, p. 277), em *Cultura e Racismo*, que: “Exploração, torturas, razias, racismo, liquidações coletivas, opressão racional. revezam-se a níveis diferentes para fazerem, literalmente, do autóctone um objeto nas mãos da nação ocupante”. Isto significa dizer, portanto, que todos os recursos estavam/estão intrinsecamente ligados aos mecanismos de mortes no romance. Dessa maneira, levando a desabrochar as percepções anticoloniais do narrador-protagonista, especificadamente no momento em que encontra respaldo na sua experiência bélica impulsionado pela serventia à pátria como mero objeto, grosseira e perversidade humana.

Nesse contexto de descaso humano e atendendo-se às variadas formas que a voz central utiliza para exprimir a linguagem, podemos notar as particularidades oportunizadas pela sua condição. Em virtude das circunstâncias da conjuntura, observemos, no trecho a seguir, a tomada de consciência e o modo como acontece:

[...] e eu perguntava ao capitão O que fizeram do meu povo, O que fizeram de nós aqui sentados à espera nesta paisagem sem mar, presos por três fieiras de arame farpado numa terra que nos não pertence, a morrer de paludismo e de balas cujo percurso silvado se aparenta a um nervo de nylon que vibra, alimentados por colunas aleatórias cuja chegada depende de constantes acidentes de percurso, de emboscadas e de minas, lutando contra um inimigo invisível, contra os dias que se não sucedem e indefinidamente se alongam, contra a saudade, a indignação e o remorso, contra a espessura das trevas opacas tal um véu de luto, e que puxo para cima da cabeça a fim de dormir, como na infância utilizava a bainha do lençol para me defender das pupilas de fósforo azul dos meus fantasmas. (ANTUNES, 2007, p. 54).

A partir desse trecho, percebemos, pela repetição das interrogações que questionam os seus fins na guerra, a elucidação da sua indignação e coletividade, quando referia-se a todos que estavam segregados da sua casa, família e país. Com efeito, condicionados à morte e suas formas de findar vida, uma vez expostos à doença adquirida na época e aos extermínios em massa, considerando, pois, que tudo isso ocorra em continente que não mantinha vínculos, exceto pelos objetivos da guerra. Além disso, fora preciso conviver com o luto contínuo das vidas ceifadas, pois o confronto passou a ser, para o narrador, algo ausente de significado.

Outro artifício elucidado pela voz do narrador, enquanto conhecedor da angústia profunda, da saudade, e desprovido de atitudes que pudessem revogar tal realidade, era comparar o luto com um lençol que cobria seus longos dias no combate, como criança ao esconder-se de seus fantasmas. Decerto, a morte daquele contexto apresentava-se de diversas

formas, quer dizer, a visão anticolonial advém desse indivíduo que compreendeu o absurdo da empreitada bélica portuguesa em Angola.

O processo colonial destruiu as perspectivas do narrador autodiegético em relação à estrutura familiar, isto é, ao remeter-se à filha e à esposa, ele expressava a infelicidade de não estar presente: “[...] há onze meses que não sei o que é um corpo ao pé do meu corpo e o sossego de poder dormir sem ansiedade, tenho uma filha que não conheço, uma mulher que é grito de amor sufocado num aerograma [...]” (ANTUNES, 2007, p. 77). Diante disso, vemos que, de certo modo, ele perde a conexão com seus parentes, de modo que momentos e pessoas são deixados para trás em virtude do chamado bélico.

No decorrer do monólogo, muitas questões são postas tendo em vista, sobretudo, o projeto imperial. Nisso, o que de fato a percepção do narrador concedeu foi reconhecer o plano como o poder camuflado em forma de administração, finalidades encobertas, que traduziram-se na religião na forma de devoção patriótica, civilização, e tudo que, de alguma forma, estivesse interligado aos rendimentos econômicos, pois, como vimos, a política salazarista era fechada ao enriquecimento de Portugal.

Com efeito, as perspectivas anticoloniais anunciadas envolviam o “Deus, Pátria e Família” aos termos políticos, já que essa tríade também sustentava a conjuntura bélica na África. Logo, no instante que o narrador-protagonista passou a enxergar o movimento conflituoso por outras lentes, é proposta a discussão das problemáticas que envolviam o ser humano à exposição desumana e até mesmo desqualificadora, pois os indivíduos eram expostos a situações violentas de morte, massacres e tortura. Diante dessas aversões que narrador-protagonista sente ao retratar a maldade humana, vemos, com Césaire (1978), no texto que aborda o *Discurso sobre o colonialismo*, como os homens são representados:

Nenhum contacto humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitre, chicote e o homem indígena em instrumento de produção. É a minha vez de enunciar uma equação: colonização = coisificação. (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

Isto posto, é possível fazer pontes com o romance, precisamente quando os grupos que confrontam são reduzidos e inferiorizados pelo Estado e seus valores são negados, dada as comparações desses indivíduos a objetos ou animais, em razão de não encaixarem-se como categoria humana de existência social no mundo. Logo, mesmo não acontecendo relações totais, tanto os angolanos quanto os portugueses estavam sujeitados, dominados para a ampliação de poder português.

Dessa forma, o enriquecimento se voltava ao regime salazarista e à elite que partilhava dos benefícios do objetivo de conquista, à medida que a superioridade estava em comando para diminuir o outro, resultado de elevação de si mesmo. Logo, não interessava a vida ou a morte dos que estavam no campo de batalha, pois podiam ser justificadas como prova de amor à pátria, uma vez que os recortes de jornais e quadros nas paredes eram sinônimos de admiração aos militares combatentes que deram orgulho à família e à nação.

Durante a realização dos eventos de retomada de consciência em relação ao conflito, a voz do narrador-protagonista manifesta a crítica e direciona-se com ironia aos pilares que teciam seu percurso aos resultados dos colonialistas portugueses. Posto isto, ele posicionava-se com indignação aos acontecimentos e expressava-se com fúria:

— Merda de país de merda — declarei eu para o chauffeur, o qual me respondeu com um soslaio desconfiado no retrovisor que lhe reduzia o rosto a um par de pupilas miúdas e hostis, a que o espelho conferia a agudeza protuberante dos reflexos metálicos. Dois bilhetes postais colados ao tablier, um representando Nossa Senhora de Fátima e o outro Santa Teresinha do Menino Jesus, ladeavam um letreiro a escantilhão que exigia com secura que se depositassem as pontas de cigarro numa espécie de bolsa marsupial de alumínio alojada como uma verruga nas costas do banco dianteiro. Estou fodido, um irmão do Santíssimo, pensei eu. E acrescentei alto, no intuito de apaziguar a indignação da cruzada do católico [...]. (ANTUNES, 2007, p. 84).

Nesse trecho, foi possível verificar um contraponto, considerando a perspectiva anticolonial. De modo mais específico, na fala que diz respeito à própria ideologia religiosa e à questão política de inserção, visto que essas questões entrelaçam-se para traduzir o projeto colonial em África. Nisso, o narrador afirma, nesse fragmento, confrontando o próprio país, ao utilizar-se de termos para difamar os propósitos pertencentes aos grandes de sua nação. Dessa forma, vê-se que essa voz está embebida de críticas e faz denúncias à guerra e à experiência colonial representada pela única voz que permeia o romance.

Assim, compreendemos como a linguagem se tornou essencial para traduzir a crítica firmada na obra. O longo percurso bélico, portanto, rendeu um aprendizado inesquecível ao sobrevivente do conflito que, de certa maneira, foi desestruturado pelo modo que experienciou a guerra, uma vez que fora colocado frente a morte cotidianamente, não enxergando nada além de sofrimento e agonia nos “cus de Judas”, espaço ironizado por ser extraído a sensação de fim do mundo em virtude da guerra da criação de catástrofe e ruína nas terras angolanas pelos próprios portugueses.

Ademais, um outro fator primordial que deve ser posto em reflexão, diante desse cenário de guerra colonial e busca de realizações, é o caso das ideologias políticas empregadas na

sociedade. A pretensão tendenciosa do governo em adestrar as pessoas aos seus comandos e normas, como percebemos na conduta do narrador autodiegético, que torna-se, assim como os outros, objetos de obtenção de méritos. Logo, compreendendo que o regime salazarista lutava por riquezas exteriores de expansão e poder territorial, os ideais de Salazar estavam, de forma diluída, atravessando anos de falsas ideias controladoras de uma noção fiel aos seus princípios.

Isto posto, a respeito da perspectiva anti-imperialista, quando Eduardo Lourenço traz em seu livro *Labirinto da saudade* um trecho que permite pensar sobre o imperialismo português e as questões pautadas no momento do governo em Portugal, criam-se feridas na nação, que não poderia escolher nada senão o mesmo destino. E, como o próprio autor descreve, são os “traumatismos” da história lusitana, ou seja, os eventos que aconteceram no período da ditadura, como expresso a seguir:

Os sessenta anos que, absurdamente, perpetuando o velho jogo de avestruz que jogamos com a nossa alma, nós arredamos da consideração séria da História, não são esse vácuo que os falsos patriotas gostavam que tivesse sido, mas também não são a mera continuação do nosso devir nacional. (LOURENÇO, 1992, p. 13-14).

O excerto apresentado possibilita entender que os anos confirmam o trauma apresentado no comportamento da tropa portuguesa, de modo que a narração informa a perpetuação referente à herança, os legados dos ancestrais tidos como fantasmas na narrativa no sentido de que, a partir do desabafo, vemos como é exposto o estado, de certa forma, a vida nacional de um período prolongado de sofrimento em virtude do imperialismo português.

Nesse contexto, a linguagem crítica faz alusão aos anos de ditadura portuguesa nos escritos de Lobo Antunes, mostrando que Portugal enxergou na África a oportunidade de expandir suas riquezas e interesses manifestados fora do país, ao passo que aproveitava o fervor patriótico dos seus seguidores como impulso para realização dos seus objetivos.

Em linhas gerais, aliando o texto literário ao teórico, vemos como a denúncia de Lobo Antunes flui nos fragmentos da voz do narrador, mostrando que a guerra não tem objetivos capazes de justificar o descarte da vida, a desvalorização do homem, dos princípios aos valores, e que as ideologias de um governo fascista podem causar cegueira coletiva. Nesse sentido, compreendemos como o narrador autodiegético passou a enxergar as diferenças, percebendo as falhas dos portugueses, além de gestar sua visão anticolonial, o que implica pensar sobre a liberdade do povo lusitano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa consistiu em pensar a importância e a contribuição da temática em estudo para a sociedade contemporânea, uma vez que ainda hoje vivemos os resquícios do processo de colonização, seja no Brasil, seja na Angola. Com o romance *Os Cus de Judas* (2007), de António Lobo Antunes, apresentamos as nuances do conflito bélico, no continente da África, bem como analisamos as feridas coloniais a partir do monólogo do narrador-protagonista, que expôs seus cortes na alma como marcas psicológicas do trágico vivenciado na guerra colonial portuguesa. Com isso, a partir da narração do conflito e suas causas, percebemos os recursos fundamentais que Lobo Antunes utilizou para fazer as críticas aos ideais salazaristas prevalentes na época.

Nessa perspectiva, inicialmente, analisamos a construção das políticas de mortes coloniais, uma vez que a voz do narrador mostra, nos fragmentos, caminhos nos quais desenvolveram-se as perversidades e as condições do descarte da vida na obra. De maneira específica, identificamos os principais artifícios que cumpriram a função de expor, por intermédio da linguagem utilizada, a verdadeira face da guerra, mostrando uma crítica profícua ao sistema colonial, este, por sua vez, comandado pelo imperialismo português. Por fim, desenvolvemos um levantamento da perspectiva anticolonial no romance, mostrando a tomada de consciência do narrador-protagonista.

Posto isto, compreendemos a relevância da literatura contemporânea, no sentido de ampliar a visão a respeito da perspectiva anticolonial do narrador autodiegético através da sua voz na obra, considerando, ainda, os mecanismos que expõem a política de morte no decorrer dos fragmentos em tom irônico na narrativa. De modo especial, refletimos acerca da maneira como pensamos as complexidades estabelecidas na perspectiva dele, enquanto soldado e médico que cumpria a função proposta, desconstruindo, no decorrer dos seus relatos, os ideais ilusórios a respeito do Estado Novo em relação à nação portuguesa, numa dolorosa agonia que rendeu muitas cicatrizes.

Desse modo, surge a seguinte problemática: como, em *Os cus de Judas*, é configurado o projeto imperial/colonial da pátria portuguesa? Nossa pesquisa desenvolveu-se diante dessa indagação, à luz do texto literário e dos teóricos que contribuiram para a nossa análise. Logo, constatamos que a política de morte é estruturada dentro da narrativa a partir do descarte, desconsiderando a vida dos angolanos, bem como dos portugueses que foram mandados para combate em nome de um plano colonial que visava dominação e enriquecimento. Decerto, de

maneira formal, deu-se pela própria construção da narrativa, por meio da fragmentação exposta na voz do narrador-protagonista.

Por tais postulados, o nosso interesse é que os estudos de Lobo Antunes sejam ampliados constantemente e deixem frutos significativos para somar aos conhecimentos acerca dos estudos que partem das suas escrituras e temáticas, expandindo ainda mais o universo da pesquisa científica. Em virtude disso, para compreendermos o romance *Os Cus de Judas* (2007), é necessário refletir sobre os contextos políticos e perceber como o poder soberano estava diluído em instâncias diversas da vida do outro.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In: Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: 34 Letras, 2003. p. 55-63.
- ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2015.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. *In: SANCHES, Manuela Ribeiro. Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: EDIÇÕES 70. 2011. p. 273-285.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. 1. 3. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 33-58.
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português**. Lisboa: Dom Quixote, Lda, 1992.
- VECCHI, Roberto. **Exceção atlântica: Pensar a literatura da guerra colonial**. Porto: Edições Afrontamentos, 2010.
- ROANI, Gerson Luiz. Sob o vermelho dos cravos de abril: literatura e revolução no Portugal contemporâneo. **Revista Letras**, Curitiba, n. 64, p. 15-32. set./dez. 2004.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.